

Comunicação e Trabalho na Amazônia Amapaense: mutações da notícia e tendências das redações virtuais na pandemia da COVID-19¹

Anézia Maria Brito LIMA²

Paulo Vitor Giraldi PIRES³

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, AP

RESUMO

Diante às transformações causadas pela pandemia da COVID-19 na Comunicação e no Trabalho, este estudo busca compreender as mudanças ocorridas no processo de apuração e construção da notícia, a partir das experiências de jornalistas em arranjos alternativos amapaenses. A investigação utiliza-se da metodologia exploratória, a partir das técnicas de levantamento bibliográfico, coleta de dados e entrevistas semiestruturadas, concentrando esforços nas abordagens teóricas sobre Comunicação e Trabalho (FÍGARO, 2013); Mercado de Jornalismo (TRAVANCAS, 1993); Mudanças estruturais no Jornalismo (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011); Capital da Notícia (MARCONDES, FILHO, 1986) e as Redações virtuais (FIGARO; SILVA, 2020). Os resultados iniciais alertam a tendência da redação virtual e a mudanças estruturais significativas na construção das narrativas e no ‘fazer jornalismo’.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Trabalho; Empreendedorismo; COVID-19; Notícia.

INTRODUÇÃO

Em um cenário caótico vivido durante a pandemia do novo coronavírus, o Jornalismo mais uma vez passa por mudanças estruturais significativas. Mesmo impactado por inúmeras alterações, a atividade é considerada essencial, no período, onde o isolamento social - principal forma de combate à doença, o acesso à informação era direito e uma necessidade indispensável. Para acompanhar essas mudanças, os

¹ Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Discente do 7º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI/ CNPq). E-mail: anezialima55@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: paulogiraldi2@gmail.com

profissionais da comunicação alternativa no Amapá criaram novas formas de trabalho, além da adaptação para a continuação das atividades.

Sendo necessária a criação de planejamento para exercício da profissão durante a pandemia da COVID-19, os jornalistas ainda enfrentaram a migração para as ‘redações virtuais’ – o trabalho remoto, para a segurança de todos. Nesse momento incerto, o distanciamento e as relações de comunicação passaram a ser desenvolvidas de maneira virtual, seja por mensagens instantâneas pelo WhatsApp, ligações ou videoconferências, desenvolvendo o trabalho em formato *home office*.

No estado do Amapá, com a crise enfrentada pelo desemprego, os jornalistas recém-formados têm dificuldades de acesso a vagas nos meios tradicionais. Por outro lado, enfrentam o acúmulo de funções, reduções salariais, integração de redações e diminuição do quadro de profissionais, tendo que buscar novos espaços para trabalho e sobrevivência. Embora tenha crescido a atuação de profissionais da comunicação em produções alternativas às grandes corporações, como comprova as pesquisas iniciadas em 2018, na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), os profissionais ainda enfrentam dificuldades com a migração para os meios alternativos, pela falta de experiência e/ou a falta de credibilidade do público que ainda prefere ‘meios consolidados’ para o recebimento das informações.

Diante desse recorte apresentado acima, o presente estudo volta-se para a compreensão das mudanças no processo de apuração e construção da notícia no contexto da pandemia da COVID-19. Busca entender como a migração para a redação virtual impacta no trabalho de comunicação, na atuação dos profissionais e na formação dos discentes, a partir das mudanças oriundas da pandemia, refletindo e alterando os processos do ‘fazer jornalismo’. A metodologia utilizada nesta pesquisa é do tipo exploratória (GIL, 2002), com o levantamento bibliográfico, entrevistas e observação participante. Utilizamos ainda a investigação qualitativa, citada por Minayo (1994), e diz respeito ao reconhecimento de situações particulares, grupos específicos e universos simbólicos.

A investigação é realizada a partir dos levantamentos teóricos: ‘mercado de jornalismo’ (TRAVANCAS, 1993); ‘mudanças na atividade do jornalista’ (FÍGARO,

2013); ‘carreira profissional’ (FIDALGO, 2004), ‘capital da notícia’ (MARCONDES FILHO, 1989), Teorias do jornalismo (TRAQUINA, 2002).

A hipótese inicial revela que a crise global da COVID-19 acelerou processos já previstos para o trabalho dos jornalistas, como a migração ao *home office*, e a prática do ‘jornalismo sentado’ (NEVEU, 2006), favorecendo mudanças nas relações de comunicação e a precarização do trabalho. Este cenário, torna-se oportuno para a reflexão acerca da formação dos jornalistas e as mudanças no perfil destes profissionais, fomentando a reflexão do futuro do jornalismo, com a necessidade de ‘práticas empreendedoras’ e novos arranjos econômicos independentes que minimizem os impactos pós-pandemia e de desemprego no estado.

Essa investigação está na fase inicial, com foco na discussão teórica, explorando as alterações nos processos de apuração e construção da notícia durante a pandemia, com resgate teórico e mapeamento das experiências vividas pelos profissionais alternativos amapaenses. Esse estudo é continuidade da pesquisa **Jornalismo Alternativo na Amazônia Amapaense: o Empreendedorismo Digital na Pandemia da Covid-19⁴**, publicado no E-book, *Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus*, em setembro de 2020, pela Ria Editorial.

JORNALISMO ALTERNATIVO NO AMAPÁ: EMPREENDEDORISMO DIGITAL E A CRISE DE MERCADO

Durante muitas décadas os meios de comunicação tradicionais eram vistos como único local de trabalho para os jornalistas. Com o advento das novas tecnologias de comunicação e informação, ocorrem constantes mutações no ‘fazer jornalismo’. As redações que antes abrigavam grandes equipes de jornalistas, tiveram o quadro de profissionais reduzidos, reduções salariais, precarização da mão de obra, aumento da carga horária de trabalho, além da multifuncionalidade⁵, como constata Figaro (2013).

Em 2019, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou 845.731 mil habitantes, distribuídos entre os 16 municípios no estado do Amapá, sendo Macapá, a 22ª capital mais populosa do Brasil (503.327). Considerado um dos estados

⁴ E-book disponível em: <http://www.riaeditorial.com/index.php/jornalismo-em-tempos-da-pandemia-do-novo-coronavirus/> Acesso em: 11 de out. de 2020.

⁵ Característica comum na atuação dos jornalistas, principalmente nos meios tradicionais. Os jornalistas exercem funções plurais de diferentes cargos, como repórter, editor de texto, fotógrafo, cinegrafista etc.

mais novos do país, o Amapá carrega um histórico de dependência e atrasos em diversos setores. Enfrentando a crise de desemprego⁶, muitos jornalistas recém-formados não conseguem ocupar vagas nos meios tradicionais ou por não aceitaram a exaustiva carga de trabalho, buscaram novas formas de trabalho, como o jornalismo alternativo e novos arranjos econômicos

Com a chegada do novo coronavírus, a situação econômica no estado do Amapá – assim como em outros estados, agravou ainda mais. De acordo com o ‘Painel Coronavírus’ disponibilizado no site oficial do Governo do Estado do Amapá, no dia 8 de outubro de 2020, o estado registrou 49.085 casos confirmados, 222 em análise laboratorial, 36.814 pessoas recuperadas e 724 óbitos. Durante essa crise pandêmica, os leitos hospitalares ficaram com 100% de ocupação nos dois principais hospitais do estado, referências no tratamento da doença. Em maio, o Amapá era o estado com a maior taxa de incidência de casos do país. Para a redução dos números de casos e contaminação, o Amapá foi um dos primeiros estados a decretar o *Lockdown*⁷.

Embora a mídia alternativa ainda não tenha se consolidado no estado, estudos iniciados em 2018, por pesquisadores da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) - Castro Melo e Giraldo Pires (2018), indicam um aumento da atuação dos profissionais nos meios alternativos, onde os jovens têm protagonizado esse cenário, pois “[...] acreditam na criação alternativa de conteúdo como caminho para novas possibilidades de organização dentro do Mundo do Trabalho dos comunicadores” e “[...] apostam em novas relações de comunicação mais democráticas, humanas e solidárias” (MELO CASTRO; GIRALDI PIRES, 2019, p. 14).

Mesmo com a crescente busca por esses arranjos alternativos, os recém-formados ainda enfrentam obstáculos para continuar nesse caminho. A falta de credibilidade e a dificuldade para manter os custos de um blog – equipamentos, manutenções dos equipamentos, programas de edição, internet, energia elétrica, transporte, alimentação etc., ainda são fatores que comprometem e criaram barreiras para um possível empreendedorismo rentável.

⁶ De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o estado do Amapá no primeiro trimestre de 2020 contabilizou 68 mil desempregados. O estado ficou atrás apenas da Bahia (18,7%), com 17,2% de trabalhadores fora do mercado.

⁷ Medidas de isolamento social mais rígidas, com maior controle no comércio, trânsito e outros serviços.

Amparados por pesquisas iniciadas em 2018, integradas aos estudos do Grupo de Pesquisa COMERTEC – Comunicação, Mercado e Tecnologia da UNIFAP, em parceria com o Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA/USP) esse estudo está na terceira fase, com desdobramentos do tema, concentrando esforços no entendimento da Comunicação e Trabalho Alternativo no estado como possibilidades para estudos e novos nichos de mercado.

MUDANÇAS NOS PROCESSOS DE APURAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA NO CENÁRIO DA PANDEMIA DA COVID-19

Com funcionamento próprio, de acordo com a rotina produtiva implicada pelos meios ou profissionais, a produção da notícia é caracterizada pela coleta, seleção e apresentação da notícia (WOLF, 1995). Mas, as inovações tecnológicas e as mudanças socioeconômicas têm alterado esses processos de construção da notícia. Neste novo cenário, os formatos jornalísticos, critérios de apuração, criação de conteúdos e apresentação das notícias, passaram por transformações, tornando-se para muitos, práticas dispensáveis. Para Pereira e Adghirni (2011), com a convergência das mídias, tais mudanças trouxeram novas possibilidades para a produção jornalística, como a facilidade de acesso às informações de bases de dados, aceleração da produção e a rapidez no compartilhamento de conteúdos.

Dadas essas transformações, com um futuro incerto dos momentos que seriam vividos durante a pandemia da COVID-19, novas formas de trabalho foram implementadas para a continuação do ofício dos jornalistas. Mesmo em processo de adaptação, essa atividade foi caracterizada essencial durante esse momento pandêmico.

Como citado no início, esse trabalho trata-se de uma investigação em fase inicial, com base em resgates teóricos sobre as principais mudanças na rotina e no mercado do jornalismo no Amapá. Dois blogs foram selecionados como objetos de pesquisa. O primeiro, o blog *Aeka*⁸, é idealizado por dois jornalistas recém-formados da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Abinoan Santiago e Dyepeson Martins. Ambos são amapaenses, mas pela Pós-Graduação, atualmente residem no Paraná.

⁸ <https://www.aeka.info/>

O *Aeka*⁹ foi criado em 2019, e já funcionava de maneira remota, mesmo antes da pandemia, pois os idealizadores moram em outro estado, e coordenam o trabalho em parceria com outros colaboradores do Amapá por mensagens, ligações e videoconferências. Pela prática remota adotada antes mesmo da pandemia, notou-se que esse grupo teve menos dificuldades ao se adaptar e continuar o trabalho nesse cenário.

Com a característica de blog investigativo, os profissionais não produzem conteúdos diariamente, pela apuração mais cautelosa e demorada, assim eles abordam conteúdos voltados às medidas restritas de isolamento social, investigações policiais de desvios e superfaturações, situação da saúde no Amapá, e estratégias políticas de combate ao coronavírus. Com o objetivo de narrar os fatos por um olhar humanizado, os idealizadores não têm interesse de tornar o blog rentável e não pretendem tê-lo como única fonte de renda. Na sequência deste texto, o *Aeka* será mencionado como blog 1.

O segundo, o blog *Catraia Digital*¹⁰, é idealizado por Gabriel Dias, concluinte do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), com o apoio de acadêmicos do curso, fotógrafos e publicitários amapaenses. Idealizado em 2014, mas por questões pessoais, o projeto teve início no mês de fevereiro, com o impulso da pandemia. Os colaboradores do blog alternativo *Catraia*¹¹ Digital viram nesse momento de crise a importância da Comunicação Alternativa. Com cobertura local, nacional e internacional, o grupo aborda nas produções temas do cotidiano, variedades, cultura, esporte, saúde e política. O foco é manter a população informada sobre as atualizações dos decretos estaduais, funcionamento das serviços públicos, isolamento social, atualização sobre os casos de COVID-19 no estado e denúncias. O grupo explora o olhar humanizado nas produções e planeja tornar as atividades rentáveis. Na sequência, o *Catraia Digital* será mencionado como blog 2.

Evidenciando as principais mudanças na produção da notícia, a partir do trabalho dos jornalistas alternativos amapaenses, apresentaremos, em 4 etapas, os principais

⁹ Nome de origem Oiampi, língua dos Waiãpis, povo indígena tradicional do Amapá. Esse dialeto significa o ato de procurar coisas.

¹⁰ <https://www.catraiadigital.com.br/>

¹¹ A *catraia* é um transporte fluvial de pequeno porte, muito utilizada no Amapá, para a locomoção por pequenas ilhas que ficam ao redor do estado. Essa pequena embarcação é comumente usada para o transporte de pessoas e pequenas mercadorias, mas também é utilizada para levar informações para algumas comunidades mais distantes.

tópicos para análise e debate: a) Apuração da notícia; b) Rotina de trabalho; c) Relações de Comunicação; d) Uso dos recursos tecnológicos em tempos de pandemia.

a) Apuração da notícia

Sendo um elemento essencial no processo informacional, “a apuração é o mais importante para a notícia, da mesma forma como a notícia é o mais importante para o jornalismo” (BAHIA, 1990, p. 40). Envolve as primeiras técnicas de levantamento dos dados de um fato, sendo a base para a criação da notícia: “é o processo que antecede a notícia e que leva à formulação final do texto” (Ibidem, p. 40).

Segundo Santi (2009), assim, a apuração é um conjunto de práticas que envolvem técnicas e habilidades que os jornalistas executam para o processo de criação das narrativas, como a observação, desdobramentos, pesquisas e entrevistas. Com a medida de isolamento social adotada durante a pandemia, a apuração dos fatos sofreu mudanças significativas, pois a coleta de dados e informações não eram apuradas *in loco*. O contato com as fontes, apenas virtual.

Os integrantes do blog 2, resumem o processo de apuração dos fatos em: 1) receber as pautas - quase todas a partir de releases enviados pelas assessorias de imprensa; 2) checar os fatos, com uma rede de apoio entre os integrantes que entrevistam as fontes por ligações ou mensagens, pesquisas na internet, levantamento dos dados etc.; 3) entrevistas remotas com fontes oficiais, oficiosas e personagens; 4) escrever os conteúdos que são divididos de acordo com o tempo livre de cada membro ou por afinidade com a área, e 5) compartilhar os conteúdos pelas plataformas e redes sociais. Todo o processo acontece de maneira remota, com substituição do contato presencial pelo virtual, da apuração à publicação.

Essas mudanças alertam para a tendência do modelo conhecido como ‘jornalista sentado’¹², que afeta diretamente as relações de comunicação dos profissionais seja com os próprios colegas de trabalhos, chefes e público externo, trazendo a falta de contatos

¹² O conceito francês de ‘jornalista sentado’ (journaliste assis), segundo Neveu (2001) é uma adaptação da produção jornalística para o Webjornalismo. Essa prática refere-se a união e utilização de informações que foram recolhidas por outros jornalistas, ou de outros meios, e que não foram coletadas pelo próprio jornalista. Uma prática que dispensa a apuração convencional, *in loco*, por quem a escreve.

diretos/ presenciais, pois evidenciam muitos critérios de comportamentos que poderiam ser notados durante esses contatos.

Além disso, com o imediatismo das atividades realizadas, as chances de ocorrerem erros de apuração e comprometimento do conteúdo final são maiores, como a publicação de conteúdos *fakes* - falsos, tendenciosos ou incompletos. Ou seja, colocariam em risco as partes envolvidas e a credibilidade do jornalista e do veículo de comunicação. As redações, que segundo Travancas (1993), representavam o coração do jornalismo, aos poucos se condicionam a redação virtual, tornando o trabalho do jornalista cada vez mais solitário.

b) Rotina de trabalho

Como principal atividade do jornalista, a rotina de trabalho é dos processos que mais comprometem o trabalho dos comunicadores, pelas tendências tecnológicas e do próprio fazer jornalismo, como o imediatismo, imprevisibilidade, excesso de cargas de trabalho e acúmulo de atividades. Para Grisci e Rodrigues (2007), as rotinas produtivas jornalísticas, na era pós-fordista, caracterizam-se pela compressão do tempo, tendo essa característica transformado o ritmo de trabalho dos jornalistas.

Conciliar a rotina do trabalho efetivo, estudos/ qualificações, relações afetivas e sociais, têm sido o principal desafio dos jornalistas alternativos amapaenses, não apenas no cenário pandêmico. Como esses profissionais não sobrevivem apenas do trabalho alternativo, o período de produção dos respectivos blogs, não são a prioridade no dia a dia desses jornalistas. Com a pandemia, a necessidade de repassar as informações para a população aumentou, com isso, houve o aumento da carga de trabalho. Os integrantes do blog 1, dedicaram 6h diárias às produções do blog, além da realização de outras atividades econômicas.

Na pandemia, as rotinas de trabalho também mudaram, principalmente pelo distanciamento social. Os integrantes dos blogs alternativos amapaenses fizeram adaptações para bom funcionamento do sistema remoto, tendo em vista as necessidades dos profissionais envolvidos. Para o blog 1, poucas foram as mudanças enfrentadas na pandemia, pois o grupo já possuía uma rotina de trabalho remota. Já o blog 2, pelo funcionamento ter iniciado durante a pandemia, as dificuldades foram maiores, pois o

processo de adaptação foi mais acelerado e o grupo não possuía experiências com essas práticas remotas e redação virtual.

As reuniões de pauta ganharam novos cenários, agora, discutidas por meio das telas de celulares e computadores. O movimento da redação e as trocas com os colegas foram substituídas pelas conversas frente aos computadores e os questionamentos por aplicativos de mensagens. A rotina da produção e a divisão das tarefas são feitas de acordo com a disponibilidade de cada membro, trazendo a individualização na atuação jornalística, mesmo sabendo que o jornalismo é um fazer coletivo. A entrega do material (*deadline*) nessa fase é mais compreensiva. A aprovação e a publicação dos conteúdos, revela um processo constante e duradouro, sendo uma nova tendência em momento de início de pós-pandemia e novo normal. Como explica Fíguro (2013), essas rotinas evidenciam à desvalorização dos profissionais, aumento da carga horária de trabalho, multifuncionalidade, Esse ‘viver jornalístico’ independe dos meios/mercados que os profissionais estão inseridos.

Trazendo essas reflexões, faz-se necessário pensar a respeito da qualidade de vida e a rotina vivida por esses profissionais que constantemente têm o tempo reduzido para a realização do seu trabalho. Essa aceleração entre receber as informações e entregar as notícias tem causado o limite da exaustão e aumentado o sofrimento psíquico.

c) Relações de Comunicação

Com a produção mais individualizada, as relações de comunicação durante a pandemia de ambos os blogs foram semelhantes: contatos e reuniões virtuais, ligações de WhatsApp, mensagens em aplicativos, reuniões por videoconferências, redes sociais e, raramente, contato pessoal direto. Na visão de Souza (2017, p. 142), “a internet, ao aproximar espaços e dinamizar o tempo, reconfigurou a relação do jornalista com as fontes bem como seu papel enquanto mediador de informações”.

Seguindo os processos de apuração, os jornalistas mantiveram o contato com as fontes de maneira remota, a partir de entrevistas estruturadas e semiestruturadas, com a contribuição de fontes oficiais e oficiosas, primárias e secundárias. Os personagens são selecionados de acordo com o conhecimento e contatos já estabelecidos entre os jornalistas em seu círculo de convívio.

Com a facilidade da tecnologia, os profissionais buscam contribuições e opiniões entre o próprio grupo de profissionais, sobre os diversos acontecimentos e oferecem redes de apoio para auxiliar os colegas. Percebe-se, também, que a pandemia traz ao mercado de jornalismo novos aspectos colaborativos e menos competitivos no cenário pandêmico. O contato com os leitores ocorre pelos próprios blogs, nas redes sociais, com o recebimento de sugestões de pautas e mensagens instantâneas.

d) Uso dos recursos tecnológicos

O uso dos recursos tecnológicos tem sido imprescindível para o trabalho dos jornalistas alternativos nesta pandemia. Com o uso das ferramentas tecnológicas e mídias digitais, todo o processo de comunicação é realizado com mais velocidade. A facilidade de conciliar múltiplas tarefas, acessar vários conteúdos e contactar as pessoas, evidencia o papel importante que a tecnologia tem no jornalismo.

A tecnologia imprime seu ritmo e sua lógica às relações de trabalho, definindo os novos profissionais, a nova ética de trabalho, em suma, um outro mundo, que mal deixa entrever os sinais do que se convencionou chamar no passado de “jornalismo” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 37).

Para Marcondes Filho (2009), as tecnologias são as causadoras do aumento do trabalho dos jornalistas, que agora, possuem mais atribuições e dominam mais de uma função. Com isso, a responsabilidade aumentou, as redações foram reduzidas, a profissão foi banalizada e ainda, colabora para a precarização profissional. Souza (2017, p.139) acrescenta que as tecnologias acrescentam na prática laboral, mas têm uma “aplicabilidade que intensifica a exploração do trabalho, aumentando o espaço de controle sobre o tempo de vida do jornalista”.

O *smartphone* segue sendo o principal recurso utilizado pelos membros dos dois blogs. Por meio do dispositivo é possível escrever, fotografar, marcar entrevistas, manter o contato com a equipe, fontes e personagens, fazer pesquisas e levantamento de dados, confirmar informações e acompanhar as redes sociais, e ainda redigir textos e organizar as tarefas do dia. Com o método de trabalho *home office*¹³, cada integrante acaba

¹³ Os custos gerados neste modelo de trabalho é de responsabilidade individual de cada membro, como internet, energia elétrica, alimentação, manutenção dos equipamentos, e caso necessário, transporte.

produzindo os conteúdos noticiosos com os equipamentos que possuem em casa. Com esses recursos, há a facilidade do uso dos canais sociais para o contato com as fontes, aprofundamento da apuração, e impulsionamento dos conteúdos com mais independência das redações fixas.

Por fim, para Neveu (2001), as tecnologias redefiniram as competências profissionais dos jornalistas, e ao mesmo tempo demonstraram o papel essencial desses profissionais na mediação entre o fluxo da informação e os cidadãos.

MERCADO E CRISES: NOVOS CENÁRIOS E TENDÊNCIAS PARA A REDAÇÃO VIRTUAL

Com a crise de desemprego enfrentada no estado, a dificuldade de inserção dos recém-formados e a desilusão profissional, os jovens acabam buscando os meios alternativos. Em um cenário onde a notícia vem sendo tratada como mercadoria, segundo Traquina (2002), compreender novas perceptivas e praticar um jornalismo para o bem comum, vem sendo um desafio.

Confrontando o ‘mercado da notícia’, onde “a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo” (FILHO, 1989, p. 13), os jovens jornalistas acreditam e praticam um jornalismo onde aconteça a “transformação da informação em conhecimento” (AGUINAGA, 2001, p. 250).

Para Fidalgo (2004):

As mudanças e os desafios mais salientes situam-se em múltiplos domínios, de que salientaria quatro: a tecnologia, a empresa jornalística, o mercado (mercado em geral e mercado dos *media* em particular) e o grupo profissional dos jornalistas (FIDALGO, 2004, p. 70)

Os jornalistas vivem em uma crise de identidade, pela rápida transformação das condições socioeconômicas do mercado de trabalho, reforçando “a urgência de se repensar o exercício desta atividade no novo contexto global”, podendo assim redefinir “o seu papel e descobrindo-se fórmulas mais eficazes de cumprir a finalidade essencial do jornalismo” (Ibidem, p. 70).

Com o cenário da pandemia e pelo isolamento social, como apresentado acima, os jornalistas continuaram o ofício com a adoção das redações virtuais.

Sem as condições de trabalho ofertadas pelas corporações de comunicação tradicionais, o espaço virtual de plataformas como G-talk8, Telegram e WhatsApp é utilizado por arranjos da mídia alternativa como locais de organização de trabalho. Esses arranjos de mídia desafiam os processos produtivos do jornalismo tradicional, para se constituírem em produção jornalística com redação virtual, mais horizontalizadas e com permanente debate sobre aspectos editoriais (FIGARO; SILVA, 2020, p. 108).

A redação virtual “é o espaço para montar equipes virtuais, independentemente do local, com requisitos específicos em projetos determinados, criando oportunidades de participação para jornalistas” (Ibidem, p. 109). Nos blogs analisados neste artigo, os profissionais possuem uma maior liberdade de atuação - pode ser definida de acordo com a rotina de cada membro- e há mais companheirismo no processo de produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das transformações ocorridas no jornalismo por meio das novas tecnologias, torna-se evidente que o processo de produção, criação e compartilhamento das informações mudou profundamente. Com a Internet, muitos processos tradicionais do jornalismo estão sendo ressignificados, agora, o receptor está cada vez mais interessado e participativo nesse processo.

Por meio dos levantamentos teóricos, estudos bibliográficos e entrevistas com os jornalistas alternativos, ficou evidente que a pandemia do novo coronavírus acelerou processos que já eram esperados, como as mudanças na criação das narrativas - com o apoio nos recursos tecnológicos, e que a Internet já é uma nova mídia que dita formatos e ressignifica produtos jornalísticos. Mas, e como fica o jornalista? Com menos valor durante essas ressignificações? Com a velocidade que a informação é compartilhada, ela se torna produto mercadológico ou um direito essencial para os cidadãos?

Por meio das análises minuciosas realizadas em cada blog, nota-se a tendência para as redações virtuais em um momento pós-pandemia, havendo a necessidade de adaptação de cada arranjo alternativo. No estudo, foi notório a dificuldade inicial que o blog 2 sofreu até a estabilidade das produções. Pela experiência remota já vivida pelo blog 1, foi possível compreender que esse processo já era rotina, mesmo antes da pandemia. Os resultados parciais indicam que a crise causada pela pandemia da COVID-19 acelerou a necessidade de adaptação de processos jornalísticos que já eram previstos

como o *home office* e as redações virtuais, aumentando a prática do ‘jornalismo sentado’ e a tendência para o trabalho solitário dos jornalistas. Incide ainda, nas mudanças estruturais significativas ocorridas na construção das narrativas e no ‘fazer jornalismo’.

Este trabalho abre caminhos para novas pesquisas acerca do tema, e objetiva aproximar o debate entre as tendências do mercado do jornalismo e os acadêmicos que estão se preparando para esse mercado, para estimular estudos sobre as mudanças na profissão através de estudos locais aprofundados, buscando soluções e o entendimento destes processos nos quais estamos inseridos. O estudo desse tema continua em uma próxima etapa de compreensão e análise da nova estruturação da notícia pós-pandemia, a partir de critérios e processos instaurados pela COVID-19.

REFERÊNCIAS

AGUINAGA, E. Hacia una teoría del periodismo. In **Estudios sobre el mensaje periodísticos**, vol. 7, 2001, p. 241-255.

BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica**: as técnicas do jornalismo. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990. 2v.

FIDALGO, J. Jornalistas: 8m perfil socioprofissional em mudança. In **Comunicação e Sociedade**, vol. 5, 2004, p. 63-74.

FIGARO, R. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013.

FIGARO, R. ; SILVA, A. F. M. A comunicação como trabalho no Capitalismo de plataforma: O caso das mudanças no jornalismo. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 1, p. 101-115, abr./jul. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S/A, 2002.

GRISCI, C. ; RODRIGUES, P. H. Trabalho imaterial e sofrimento psíquico: o pós-fordismo no jornalismo industrial. **Psicol. Soc.** 2007, vol.19, n.2, p.48-56. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000200007>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

MARCONDES FILHO, C. **O Capital da Notícia** – Jornalismo como produção social de segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões**. São Paulo: Paulus, 2009.

MELO CASTRO, B. ; GIRALDI PIRES, P. V. Novos Arranjos Econômicos de Comunicação na Região Norte: Um Olhar Sobre o Trabalho em Macapá. In: **Anais do 42º Congresso Brasileiro**

de **Ciências da Comunicação**, 2019. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0517-1.pdf> Acesso em: 07 ago. 2020.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento científico**: pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1994.

NEVEU, E. **Sociologie du Journalisme**. Paris: La Découverte, 2001.

PEREIRA, F. H. ; ADGHIRNI, Z. L. O jornalismo em tempos de mudanças estruturais. **In Texto**, Porto Alegre, v. 1, n. 24, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/19208>. Acesso em: 05 ago. 2020.

SANTI, V. O processo de apuração no Webjornalismo de quarta geração. In: **ECO-Pós**. Rio de Janeiro- v. 12, n. 3, p. 181-194, set./dez. 2009. Disponível em: https://uakari.org.br/eco_pos/article/view/939 Acesso em: 08 ago. 2020.

SOUZA, R. O trabalho do jornalista e suas contradições: uma ontologia da crise. **Matrizes**, vol. 11, n. 3, 2017, p. 129-149. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143054926008> Acesso em: 01 de outubro de 2020.

TRAQUINA, N. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera. 2002

TRAVANCAS, I. **O mundo dos jornalistas**. SP, Summus, 1993.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. 4 a ed. Lisboa: Presença, 1995.